

O ROUBO DO ELEFANTE BRANCO

Capítulo 1 UM PRESENTE DA REALEZA

A curiosa história que vou reproduzir abaixo me foi contada por uma pessoa que conheci, por acaso, em uma estação de trem. Era um senhor de uns setenta e poucos anos, de aparência simpática e agradável. Tinha bons modos e o olhar sincero. Seu tom de voz firme dava **VERACIDADE** a cada palavra saída de seus lábios.

Ele começou assim:

— O senhor deve saber que, no **SIÃO**, o elefante branco da realeza é adorado por toda a população do país. Ele é oferecido aos reis e somente os reis podem possuí-lo. Na verdade, certo ponto, ele é superior aos reis, pois não é um objeto de simples homenagem, mas de **IDOLATRIA**.

Permaneci quieto, escutando. Ele continuou:

— Muito bem, cinco anos atrás, o Sião e a Grã-Bretanha tiveram um conflito em relação à **DEMARCAÇÃO** da **FRONTEIRA** entre os dois países. Em pouco tempo, provou-se que o Sião estava errado. Depois de feitas as devidas correções, o representante inglês declarou o seguinte: “Estou satisfeito. Vamos esquecer esse incidente e pensar que ele nunca ocorreu”.

— O que disse o rei do Sião? — perguntei.

— Ele ficou felicíssimo e **ALIVIADO**. Não queria nenhuma espécie de **DESAVENÇA** com a Inglaterra. Para demonstrar que estava realmente agradecido, ele sentiu que tinha de fazer algo mais.

— O quê?

— Dar um presente à rainha da Inglaterra. Para um oriental, essa era a única forma de acalmar um inimigo.

— Que tipo de presente? — eu quis saber.

— O presente não podia ser simplesmente **DIGNO** da realeza, precisava ultrapassar os poderes da realeza. E qual seria o único objeto capaz de atender a essa condição?

— Um elefante branco! — exclamei.

— Exatamente! — disse o senhor, empolgado. — Na época, eu era funcionário britânico na Índia e tive a honra de ser escolhido para transportar o presente até a rainha inglesa. Um navio foi preparado e abastecido para mim, meus **SERVIÇAIS** e para os empregados encarregados de cuidar do elefante.

— Como foi a viagem? Muito difícil?

— Uma viagem marítima é sempre cheia de **CONTRATEMPOS**. É preciso conhecer muito bem os sinais do céu e do mar. Comigo não foi diferente. Enfrentei tempo ruim, mar agitado e chuvas **TORRENCIAIS**...

— Não me diga!

— Certa manhã fui despertado pelo grito de um marinheiro que dizia: “Onda gigante!” Vesti-me com rapidez e subi ao **CONVÉS**. Assim que pisei para fora de meu camarote, uma ducha gelada de água salgada me atingiu o rosto. Fiquei cego por alguns segundos, depois vi que toda a **PROA** do navio estava inundada. A tripulação se agarrava onde podia para não cair no mar. Barris e cordas deslizavam, indo parar na **POPA**.

— Como conseguiram se salvar?

— Alcancei o timão e conduzi o navio por entre o mar bravio. Foram mais de duas horas de luta contra a fúria do oceano. O vento soprava forte, produzindo um barulho quase ensurdecedor.

...

— E o elefante?

— Por sorte estava no porão e nada sofreu. Alguns dias mais tarde, finalmente chegamos ao porto de Nova York. Depois de ancorar fui guardar minha carga preciosa na **CAPITANIA DOS PORTOS**, em Jersey.

— Por que foram a Nova York?

— Era preciso fazer essa parada antes de seguir viagem, ou o animal não teria forças para atingir o seu destino. Ele não estava acostumado a navegar. Sentia enjôo e cansaço. Estávamos em Jersey há quinze dias e tudo corria muito bem, até que minhas **DESVENTURAS** começaram...

— O que houve? — perguntei, curioso.

— O elefante branco foi roubado!

— Como puderam roubar um animal tão grande?

— Eu também achei que não fosse possível, mas fui acordado de madrugada para receber tal notícia.

— O que foi que o senhor fez?

— Em primeiro lugar, fiquei nervosíssimo e sem ação, completamente paralisado. Aos poucos fui me acalmando e voltando a pensar. Para um homem inteligente, só havia um caminho a seguir. Apesar de ser muito tarde, corri para Nova York e pedi a um guarda que me levasse até o setor de investigação da polícia.

O senhor estampou uma expressão de alívio no rosto e disse:

— Por sorte consegui pegar o chefe desse departamento, o famoso inspetor Blunt, a ponto de ir para casa. Era um homem gordo e não muito alto, que tinha o costume de franzir as sobrancelhas e esfregar a testa quando refletia sobre alguma coisa. Esse gesto convencia as pessoas na mesma hora de que estavam diante de alguém incomum. Só de olhar para ele me senti mais confiante e tive esperanças de encontrar o elefante.

— O senhor lhe contou sobre a sua missão?

— Em detalhes, mas isso não lhe causou nenhuma reação. Parecia que eu estava lhe contando que tinham roubado meu cachorro, pois sua postura dura e forte não se alterou nem um pouquinho. Ele simplesmente pediu que eu me sentasse e disse, com toda a calma:

— Deixe-me pensar um pouco, por favor.

Aquela história sobre elefantes reais e viagens por mares violentos me parecia cada vez mais fascinante. Pedi ao senhor se podia tomar nota de algumas coisas, pois eu estava certo de que o roubo do elefante branco renderia um livro interessantíssimo. Envaidecido com a idéia, ele se mostrou muito feliz em ajudar. Peguei o material necessário para escrever dentro de minha maleta de viagem e pedi a ele que começasse a descrever sua conversa com o inspetor de polícia. O que reproduzo a partir de agora é o relato fiel do senhor, que anotei com a pressa de quem não deseja perder nenhuma palavra.

Capítulo 2 O COMEDOR DE HOMENS E BÍBLIAS

“O inspetor Blunt sentou-se atrás de sua mesa e apoiou a cabeça em uma das mãos.

Na sala ao lado, alguns **ESCRIVÃES** trabalhavam, produzindo barulho de **PENA** sobre o papel. Durante seis ou sete minutos, aquele foi o único ruído que se escutou dentro da sala. O inspetor continuava mergulhado em seus pensamentos. Finalmente, ele ergueu a cabeça e disse, com a voz baixa e marcante:

— Este não é um caso comum. Todos os passos devem ser dados com cuidado. Precisamos ter segurança em cada um deles antes de nos aventurarmos a seguir adiante. E tudo tem de ser feito em segredo, em total segredo — observe. — Isso significa que o caso não deve ser comentado com ninguém, muito menos com repórteres. Desses, cuido eu. Vou dar um jeito para que eles saibam somente aquilo que for do meu interesse.

Dito isso, ele tocou uma campainha e um rapaz entrou na sala.

— Alaric, peça aos repórteres que permaneçam aqui por enquanto — solicitou o inspetor.

Assim que Alaric saiu, ele voltou a falar comigo, explicando que o trabalho de investigação seria **METÓDICO**.

— Nada pode ser realizado sem que haja concordância com este plano que vamos traçar. Vejamos, qual é o nome do elefante? — perguntou Blunt, depois de pegar uma pena e algumas folhas de papel nas mãos.

— Hassan Bem Ali Bem Selim Abdallah Mohammed Moisé Alhammal Jamsetjeeebhoy Dhuleep Sultan Ebu Bhudpoor — respondi.

— E o nome de batismo?

— Jumbo.

— Certo. Local de nascimento?

— A capital do Sião.

— Os pais ainda estão vivos?

— Não. Já morreram.

— Os pais tiveram outros filhos, além dele?

— Não, Jumbo é o único filho.

— Bom, acho que esses dados são suficientes por enquanto. Agora peço que o senhor tenha a gentileza de descrever o elefante, sem deixar de fora nenhum detalhe, por mais insignificante que pareça, quer dizer, insignificante na sua opinião. Para profissionais da minha área, nenhum detalhe é insignificante, tudo tem importância.

Enquanto eu descrevia, ele anotava tudo. Quando terminei, ele leu a descrição e pediu que eu o corrigisse, caso houvesse algum erro. Suas anotações diziam o seguinte:

Altura: 5m e 80cm; comprimento da testa ao início do rabo: 8m; comprimento da tromba: 4m e 90cm; comprimento do rabo: 1m e 80cm; comprimento total, incluindo a tromba e o rabo: 14m e 70cm; comprimento das presas: 2m e 90cm; orelhas: apropriadas a essas dimensões; pegadas: na neve, deixam marcas semelhantes a um barril colocado em pé; cor: branca opaca; outras características: o animal possui um buraco do tamanho de um prato em cada orelha para a colocação de jóias; tem uma cicatriz na axila esquerda causada por um

***FURÚNCULO** antigo e manca um pouco da perna direita; hábitos: esguichar água nas pessoas e maltratá-las, não importa se são estranhas ou conhecidas; informações adicionais: quando foi roubado, carregava no **DORSO** uma estrutura decorada com capacidade para quinze pessoas se sentarem e uma manta com fios de ouro do tamanho de um tapete comum.*

Como eu disse que estava tudo certo, o inspetor Blunt chamou Alaric com a campainha e pediu ao rapaz:

— Tire cinqüenta cópias dessa descrição o mais depressa possível e envie, pelo correio, a todos os detetives e lojas de penhor que existam neste continente.

Assim que Alaric saiu, ele me pediu uma fotografia do elefante. Entreguei-lhe uma. O inspetor a examinou com bastante atenção e disse:

— Não é uma fotografia muito boa, pois aqui ele está com a tromba enrolada para cima. Como essa não deve ser a posição habitual dele, talvez possa confundir um pouco, mas vamos ter de nos virar assim mesmo, tudo bem.

Tocou novamente a campainha e chamou Alaric.

— Tire cinqüenta cópias dessa foto e envie-as junto com as cartas contendo as descrições — ordenou.

O rapaz foi cumprir a ordem. O inspetor voltou a falar:

— Precisaremos de uma recompensa. Quanto o senhor está disposto a pagar?

— Quanto o senhor sugere? — perguntei.

— Bom... vejamos... para começar, acho que uns vinte e cinco mil dólares. Este será um trabalho difícil, muito complicado mesmo. Existem milhares de rotas de fuga e muitas possibilidades de esconderijos. Esses ladrões têm amigos, **COMPARSAS** em todo lugar...

— Deus do céu! O senhor sabe quem são os ladrões?

— Talvez sim, talvez não. Mas não se preocupe com isso. Pela maneira de agir e pela importância do objeto roubado, é possível juntar idéias e fazer **DEDUÇÕES** sobre o nosso homem. Já sabemos que não é um ladrãozinho barato, desses batedores de carteira. Vê-se que não é coisa de principiante. Agora o senhor tire suas próprias conclusões.

— Vinte e cinco mil... — suspirei.

— É, veja bem, considerando as viagens que teremos de fazer e a habilidade dos ladrões de apagarem seus rastros nos caminhos por onde passam, acho que essa quantia é até pequena, mas deve dar para começar.

— Está bem, inspetor, vamos fixar a recompensa em vinte e cinco mil dólares.

— Ótimo. Agora mais uma pergunta.

— Pode falar.

— Na literatura investigativa, existem histórias de criminosos que foram pegos por suas preferências alimentares. A propósito, o que o elefante come e em que quantidade?

— Bom... ele come de tudo!

— Como assim?

— Ele tem capacidade para comer tanto um homem quanto uma Bíblia.

— Isso quer dizer que ele come qualquer coisa que vá de um homem a uma Bíblia? — perguntou o inspetor.

— Exatamente!

— Muito bom, mas isso é um pouco vago. Preciso de detalhes, entende? Os detalhes são a única coisa que importa no nosso trabalho. Vamos nos fixar no homem. Em uma refeição, ou em um dia, se preferir, quantos homens o elefante come, se eles estiverem frescos?

— Para ele não tem importância se estão frescos ou não. Em uma refeição, ele come cinco homens de tamanho normal.

— Ótimo. Vou anotar. De que nacionalidade ele prefere?

— Ele não liga para nacionalidades. Prefere pessoas conhecidas, mas não porque tenha preconceito contra estrangeiros.

— Certo. E quanto às Bíblias? Quantas ele come em uma refeição?

— Uma edição inteira, com certeza.

— Ainda está vago. O senhor se refere à Bíblia comum ou àquela grande, com ilustrações?

— Para ele, não há diferença. Ilustrações têm o mesmo valor de um texto simples e puro para o elefante.

— O senhor não entendeu minha pergunta. Refiro-me ao tamanho. Uma Bíblia comum pesa cerca de um quilo, enquanto a com ilustrações pode chegar a cinco quilos e meio. Quantas Bíblias com ilustrações ele come?

— Se o senhor conhecesse o elefante, não faria essa pergunta. Enquanto existirem Bíblias na sua frente, ele não vai parar de comer.

— Vamos ter de determinar uma quantidade. Coloquemos isso em dólares. Uma Bíblia com ilustrações deve custar uns cem dólares. Há ainda o couro da capa e...

— Ele consumiria mais ou menos cinqüenta mil dólares, uma edição de quinhentos exemplares.

— Muito bem, vou anotar esses números. Até agora tenho aqui que ele gosta de homens e Bíblias. Ele gosta de mais alguma coisa? Não se esqueça dos detalhes, por favor.

— Inspetor, o elefante come tijolos, garrafas, roupas, gatos, ostras, presunto, açúcar, tortas, batatas, fibras, alfafa pura, aveia, arroz e muito mais. Não há nada neste mundo que ele não coma, fora manteiga européia, que nunca provou. Mas tenho certeza de que comeria, se conhecesse o gosto.

— Certo... E qual a quantidade dessas coisas que ele come em uma refeição?

— De um quarto de tonelada a meia tonelada.

— E ele bebe alguma coisa?

— Qualquer coisa líquida: leite, água, uísque, caldo de cana, óleo de castor, suco, ácido... Não adianta eu pensar em detalhes porque não existem. Pode escrever assim: *qualquer líquido, menos café europeu*.

— Está bem. E em que quantidade?

— De cinco a dez barris. A sede varia conforme o dia, mas a fome é quase sempre igual.

— É, são detalhes interessantes. Podem ajudar na localização das pistas.

Dito isso, o inspetor Blunt tocou novamente sua campainha.

— Alaric, chame o Capitão Burns até aqui — ordenou.

Assim que o capitão entrou, ele explicou o caso nos mínimos detalhes e leu suas anotações em voz alta. Em seguida, com a voz firme de quem sabia exatamente o que fazer e como mandar, disse:

— Capitão Burns, quero que os detetives Jones, Davis, Halsey, Bates e Hackett se encarreguem do elefante.

— Sim, senhor — respondeu o capitão.

— Quanto aos ladrões, quero que os detetives Moses, Dakin, Murphy, Rogers, Tupper, Higgins e Bartholomew cuidem deles.

— Sim, senhor.

— No local onde o elefante foi roubado quero um grupo de trinta homens escolhidos a dedo. Seleccione mais trinta para fazerem um revezamento. O local deve ficar vigiado dia e noite. Ninguém deve aproximar-se a não ser repórteres que apresentem uma autorização assinada por mim.

— Sim, senhor.

— Ponha detetives **À PAISANA** nos depósitos das estradas de ferro, dos portos marítimos e dos **FLUVIAIS**, e também em todas as estradas que saem da cidade de Jersey. Eles devem revistar qualquer pessoa suspeita.

— Sim, senhor.

— Entregue aos detetives a fotografia do elefante junto com a descrição. Ordene-lhes que revistem todos os trens e embarcações.

— Sim, senhor.

— Se o elefante for encontrado, capturem-no! Mandem-me a informação através do **TELÉGRAFO**.

— Sim, senhor.

— Quero também ser informado de qualquer pista que venha a ser descoberta... pegadas do animal e coisas assim.

— Sim, senhor.

— Trate de conseguir uma permissão para que a polícia do porto vigie os terrenos vizinhos.

— Sim, senhor.

— Mande detetives à paisana para todas as estradas de ferro. Ao norte quero gente minha até a fronteira com o Canadá. A oeste, até Ohio e, ao sul, até Washington.

— Sim, senhor.

— Envie **PERITOS** para todos os postos de telegramas. Eles devem escutar as mensagens transmitidas e, caso sejam em código, **DECODIFICÁ-LAS**.

— Sim, senhor.

— Muito importante, tudo deve ser feito com o máximo de **SIGILO** possível. A **DISCRIÇÃO** deve guiar a ação de todos.

— Sim, senhor.

— Entregue o relatório como de costume, na hora de sempre. Seja pontual.

— Sim, senhor.

— Agora vá!

— Sim, senhor.

O inspetor Blunt ficou em silêncio, perdido em seus pensamentos solitários. O brilho de seu olhar foi se apagando lentamente até sumir por completo. Ele então se voltou para mim e disse, com tranquilidade:

— Não sou de me **GABAR**, mas que vamos achar esse elefante, ah, isso vamos... Apertei sua mão com firmeza e disse:

— Agradeço-lhe desde já, inspetor.

Quanto mais eu o conhecia, mais o admirava. Eu estava encantado com os mistérios daquela extraordinária profissão. Despedimo-nos por aquela noite e segui meu caminho de volta a Jersey, com o coração bem mais leve do que quando havia entrado naquela sala.

Capítulo 3 OS JORNAIS SABEM DE TUDO!

Na manhã seguinte, a história do roubo estava nos jornais, escrita nos mínimos detalhes. Cada detetive publicou sua teoria sobre como ocorrera o roubo, quem seriam os ladrões e para onde teria sido levado o elefante. Ao todo eram onze teorias, todas elas explicadas ao máximo, sem excluir nenhuma possibilidade. Por esse fato já é possível ver como funciona a mente de um detetive particular. Não havia uma teoria igual à outra, mesmo que algumas fossem semelhantes. No entanto, uma particularidade era comum a todas as onze: O elefante não tinha sido roubado pelo enorme buraco que havia na parede do prédio onde ele estava. Esse buraco fora cavado apenas para despistar os detetives. Nenhum deles sabia ao certo o lugar por onde o animal saía, embora todos fizessem **SUPOSIÇÕES**. Isso jamais teria me ocorrido, e eu pensava que a única coisa que me parecia **ÓBVIA** era, na verdade, aquela que me despistara.

Todas as onze teorias incluíam os nomes dos possíveis ladrões, mas nunca os mesmos nomes se repetiam em pelo menos duas delas. O número total de suspeitos eram trinta e sete. A matéria publicada em diversos jornais estava de acordo com a opinião mais importante: a do inspetor Blunt, chefe do setor de investigações. Algumas de suas declarações foram as seguintes, conforme saíram nos jornais:

O chefe de polícia de Nova York tem dois principais suspeitos. Eles são conhecidos como “Brick” Duffy e “Red” McFadden. Dez dias antes do roubo do elefante, esses dois bandidos já estavam sendo seguidos, mas infelizmente fugiram sem deixar rastros na noite em questão. Antes que a polícia identificasse qualquer pegada, o passarinho já tinha voado... ou melhor, o elefante.

Duffy e McFadden são dois malandros ousados. O inspetor tem elementos suficientes para supor que tenham sido eles que roubaram, em uma noite extremamente fria do inverno passado, o fogão do setor de investigações da polícia, obrigando o chefe e outros detetives a procurar médicos pela manhã, uns com os pés congelados, outros com os orelhas, os dedos e outros membros congelados.

Assim que li a primeira metade da reportagem, fiquei ainda mais admirado com a esperteza fantástica daquele homem tão **ENIGMÁTICO**. Seus olhos de **LINCE** enxergavam tudo, incluindo o passado, o presente e o futuro. Logo cedo apareci em sua sala e lhe disse:

— Senhor inspetor, não quero outra coisa a não ser ver esses homens na cadeia!

— Nossa função não é impedir o crime mas evitá-lo. Nós não podemos puni-lo enquanto ele não for cometido.

Percebi que aquilo que deveria estar em segredo estava exposto nos jornais. Todos os fatos, todos os nossos planos e intenções haviam sido revelados. Até mesmo o nome dos ladrões foram publicados. Comentei sobre meu medo com o inspetor:

— Daqui por diante, eles vão agir disfarçados ou vão se esconder em algum lugar — disse.

— Eles não perdem por esperar. Na hora certa, dentro de suas tocas, os marginais irão descobrir o peso das minhas mãos e verificar que elas são tão pesadas quanto as mãos do destino. Assim como os jornais, os bandidos precisam reconhecer nossa posição. O ganha-pão do detetive inclui fama, **REPUTAÇÃO** e ser notícia. Ele precisa publicar seus fatos, ou as pessoas irão pensar que ele não tem nenhum. Sua teoria precisa ser do conhecimento de todos, pois não existe nada mais incrível, surpreendente, nada que lhe traga mais respeito do que uma teoria saída da cabeça de um detetive — respondeu ele.

Em seguida o inspetor respirou fundo e continuou, olhando na direção dos meus olhos:

— Nossos planos também precisam aparecer, pois os jornais afirmam que os conhecem e nós não podemos desmenti-los sem lhes causar ofensa. Precisamos mostrar ao público, o tempo todo, o que estamos fazendo, ou as pessoas pensarão que não estamos fazendo nada. Fico muito mais feliz e satisfeito quando um jornal publica “a incrível e talentosa teoria do inspetor Blunt” do que quando escreve um comentário duro ou, pior, **SARCÁSTICO**.

— Vejo que suas palavras têm fundamento. No entanto, reparei que o senhor se recusou a esclarecer aos jornais uma questão que parecia irrelevante, na minha opinião. Percebi isso ao ler a matéria.

— Ah, claro, nós sempre usamos essa **ESTRATÉGIA**. Costuma dar resultados muito positivos. De qualquer maneira, eu ainda não tinha mesmo um **PARECER** sobre aquele ponto.

Dei ao inspetor uma grande quantia em dinheiro para cobrir as despesas dessa etapa. Depois disso sentei-me para esperar as notícias. Os telegramas deveriam começar a chegar a qualquer momento. Enquanto aguardava, reli os jornais e a circular com a descrição do elefante. Notei que a recompensa de vinte e cinco mil dólares parecia ser oferecida somente aos detetives. Perguntei ao inspetor:

— A recompensa não deveria ser dada a qualquer pessoa que encontre o elefante branco?

— São os detetives que irão encontrar o elefante, por isso o dinheiro vai parar nas mãos certas. Se, por acaso, alguma outra pessoa encontrar o animal, é porque seguiu de perto o trabalho dos detetives, utilizou pistas deixadas por eles e roubou planos estabelecidos por eles, o que torna os detetives ainda mais merecedores da recompensa. A verdadeira função da recompensa é estimular homens que trabalham **ARDUAMENTE** em uma tarefa que consome tempo e exige **SAGACIDADE** e experiência, e não premiar intrusos que fazem uma captura **A DESPEITO DE** seus esforços. Estes não merecem o dinheiro — disse ele.

Achei a resposta incrivelmente sensata...

Capítulo 4 COMO BARATAS TONTAS

Logo o telégrafo começou a funcionar e as mensagens foram chegando uma a uma. Elas diziam o seguinte:

Telegrama número 1

FLOWER STATION, NOVA YORK. 7h30.

Pista encontrada. Série de pegadas nas terras de uma fazenda próxima. Caminhamos três quilômetros na direção leste. Não tivemos resultados. Vamos agora seguir para o oeste. Elefante pode ter ido naquela direção.

Detetive Darley

— O detetive Darley é um dos melhores que temos no setor de investigação. Tenho certeza de que logo teremos mais notícias dele — disse o inspetor, com orgulho.

Telegrama número 2

BARKER, NOVA JERSEY. 7h40.

Acabamos de chegar. Fábrica de vidros arrombada durante a noite. Tudo destruído; oitocentas garrafas consumidas. Só existe água perto daqui a 8 quilômetros. Vamos para lá agora. Elefante terá sede. As garrafas estavam vazias.

Detetive Barker

— Barker também é muito bom... Bem que falei que o apetite do elefante nos levaria a pistas importantes — disse o inspetor.

Telegrama número 3

TAYLORVILLE, LONG ISLAND. 8h15.

*Monte de **FENO** desaparecido de madrugada. Pode ter sido devorado. Encontrada pista. Estou de saída.*

Detetive Hubbard

— Veja como ele está sempre mudando de lugar. Eu sabia que ia ser difícil, mas esteja certo de que vamos capturar esse elefante! — exclamou Blunt.

Telegrama número 4

FLOWER STATION, NOVA YORK. 9h.

*Seguimos as pegadas a oeste por quatro quilômetros. Gigantes, fundas e irregulares. Elas nos levaram até a casa de um fazendeiro, que afirma não serem pegadas de um elefante, mas sim buracos de onde ele arrancou mudas de árvores quando a neve cobriu o solo no inverno passado. Aguardo ordens sobre como devo **PROSSEGUIR**.*

Detetive Darley

— Hummm, uma conspiração de bandidos! A coisa está esquentando! — falou o inspetor.

Ele escreveu a seguinte mensagem ao detetive Darley:

*Prenda o fazendeiro imediatamente e o obrigue a **CONFESSAR** quem são seus comparsas. Continue seguindo as pegadas. Vá até o Pacífico se for preciso.*

Inspetor Blunt

Telegrama seguinte:

CONEY POINT, PENSILVÂNIA. 8h45.

*Escritório da Companhia de Gás arrombado de madrugada. Contas **EM DÉBITO** relativas a três meses desaparecidas. Outra pista encontrada. Estou de partida.*

Detetive Murphy

— Mais essa agora! — exclamou o inspetor. — Então ele também se alimenta de contas de gás? É um ignorante... Ninguém vive só disso, a menos que venham acompanhadas de outra coisa. Veja, este outro telegrama é interessantíssimo:

IRONVILLE, NOVA YORK. 9h30.

*Acabei de chegar. **VILAREJO** está em pânico. Elefante esteve aqui por volta das cinco horas da manhã. Ninguém tem certeza de que direção ele tomou, se foi para o leste, o oeste, o sul ou o norte. Ele matou um cavalo. Guardei um pedaço do animal como pista. Matou-o com um soco de canhota aplicado pela tromba. Pela posição do cavalo estendido no chão o elefante foi para o norte, seguindo os trilhos da estrada que vai até Berkley. Está quatro horas e meia na minha frente, mas já estou atrás dele.*

Detetive Hawes

— Ah! Que maravilha! Já sabemos onde ele está! — exclamei.

O inspetor não demonstrou nenhum sinal de emoção. Continuou **IMPASSÍVEL** e tocou a campainha com toda a tranqüilidade.

— Alaric, mande o capitão Burns vir até aqui — disse ele.

O capitão logo apareceu.

— Quantos homens estão prontos para entrar em ação imediatamente, capitão? — perguntou Blunt.

— Noventa e seis, doutor.

— Então mande todos eles para o norte agora mesmo. Eles devem ficar ao longo dos trilhos da estrada de Berkley, mais especificamente ao norte de Ironville.

— Sim, senhor.

— Pode ir!

— Sim, senhor.

Logo em seguida, chegou outro telegrama:

SAGE CORNERS, NOVA YORK. 10h30.

Acabei de chegar. Elefante esteve aqui às 8h15. Todos fugiram da cidade,

menos um policial. Estranhamente, o elefante não bateu no policial, mas sim em um poste. De qualquer maneira, comeu os dois. Guardei um pedaço do policial como pista.

Detetive Stumm

— Quer dizer que o elefante está indo para o oeste? Mas ele não vai escapar tão fácil como pensa. Meus homens estão por toda aquela região — disse o inspetor.

O próximo telegrama dizia:

GLOVERS, NOVA YORK. 11h15.

*Acabei de chegar. Vilarejo completamente abandonado. Só há doentes e velhos. O elefante esteve aqui há quarenta e cinco minutos. Um grupo de Vigilantes do Peso tinha acabado de começar sua reunião semanal. O elefante colocou a tromba na janela e lavou todos os participantes com a água de uma **CISTERNA**. Alguns engoliram e estão mortos, outros se afogaram. Os detetives Cross e O'Shaughnessy estiveram no vilarejo, mas seguiram para o sul e não viram o animal. A região está apavorada. Pessoas estão abandonando suas casas e fugindo, mas para todo lugar que vão encontram-se com o elefante. Muitas morrem.*

Detetive Brant

Fiquei tão angustiado que senti vontade de chorar. Entretanto, o inspetor não se abalou. Limitou-se a dizer:

— Já dá para perceber que estamos muito perto dele. O animal sente nossa presença e está seguindo na direção leste de novo.

Mais notícias tinham acabado de chegar, deixando-me ainda mais **INQUIETO**. O seguinte comunicado viera através do telégrafo:

HOGANPORT. 12h19.

Acabei de chegar. Há uma hora, o elefante passou por aqui e perturbou terrivelmente a ordem. Correu, enfurecido, pelas ruas. Atacou dois bombeiros que passavam. Um morreu, o outro fugiu. O sentimento de **PESAR** é geral.

Detetive O'Flaherty

— Agora meus homens o cercaram. Nada poderá salvá-lo! — disse o inspetor.

Diversos telegramas chegavam sem parar assinados por detetives que se espalhavam entre Nova Jersey e Pensilvânia e de outros que seguiam pistas como a destruição de celeiros, fábricas e bibliotecas escolares, transformando a esperança quase em certeza. O inspetor falou:

— Gostaria muito de poder me comunicar com eles e dar ordens para que sigam em direção ao norte, mas isso é impossível. Um detetive procura um posto de telégrafo para enviar suas mensagens, depois vai embora e ninguém sabe que caminhos segue.

Nessa hora, chegou o seguinte telegrama:

BRIDGEPORT, CONNECTICUT. 12h15.

Barnum está oferecendo quatro mil dólares por ano para utilizar o elefante, com exclusividade, em publicidade **ITINERANTE** até os detetives encontrarem o animal. Querem colar propagandas de circo nele. Resposta urgente solicitada.

Detetive Boggs

— Isso é um absurdo! — exclamei, quase em desespero.

— É claro que isso é um absurdo — respondeu o inspetor Blunt. — Percebe-se que esse tal de senhor Barem um, que se acha um espertinho, não me conhece. Mas deixe estar... eu sei quem ele é.

Em seguida, respondeu a mensagem assim:

Oferta do senhor Barem um foi recusada. O preço é sete mil dólares, ou nada feito.

Inspetor Blunt

— A resposta deve chegar logo. O senhor Barem um não está em casa, mas sim no posto do telégrafo. Isso é comum quando se quer fechar um negócio. Dentro de mais ou menos três...

FIM — Telégrafo Postal — Barnum

O sinal da máquina de telégrafo parou com essa mensagem, para começar a funcionar de novo em questão de segundos. Não tive nem tempo de comentar aquele episódio sem propósito, pois o telegrama seguinte deixou meus pensamentos de luto:

BOLIVIA, NOVA YORK. 12h50.

O elefante esteve aqui às 11h50. Ele veio do sul, atravessou a floresta e dispersou um enterro. As pessoas atiraram balas de canhão nele e fugiram. O detetive Burke e eu chegamos dez minutos depois. Viemos do norte e nos atrasamos porque ficamos estudando algumas escavações, que confundimos com marcas de patas. Por sorte pegamos a trilha certa e chegamos ao bosque. Caminhávamos com o corpo curvado para a frente e os olhos fixos na trilha. Vigiávamos o elefante bem de perto quando ele entrou em um matagal. Burke seguia na frente. Infelizmente, o elefante fez uma pausa para descansar. Como Burke continuava com a cabeça baixa, olhando para a trilha, ele não percebeu que o elefante estava próximo e, sem querer, deu um encontrão nas pernas traseiras dele. Burke não teve dúvidas, levantou-se e segurou o rabo do animal, gritando de alegria: "A recompensa é minha...". Ele não conseguiu concluir, pois a enorme tromba do elefante destruiu o pobre detetive em um só golpe. Burke morreu na hora. Fugi correndo feito louco. O elefante me perseguiu até o fim do matagal. Eu estaria morto a essa hora se o que restou do enterro não tivesse entrado no caminho, distraíndo sua atenção. Fiquei sabendo, agora há pouco, que não sobrou nada do cortejo fúnebre, o que não chega a ser uma perda muito grande, já que teremos vários enterros pela frente.

Detetive Mulrooney

Nenhuma outra notícia foi transmitida, a não ser aquelas dos detetives eficientes e incansáveis espalhados por várias partes do país: Nova Jersey, Virgínia, Pensilvânia, Delaware... Os pobres homens ficaram até mais de duas horas da manhã seguindo pistas frescas e motivadoras.

BAXTER CENTER. 2h15.

O elefante passou por aqui com cartazes de circo colados no corpo. Ele terminou com um encontro religioso, feriu várias pessoas, quase levando-as à morte. Os homens do local conseguiram prendê-lo em uma jaula e ficaram vigiando. Quando o detetive Brown e eu chegamos, entramos na jaula para tentar descobrir a identidade do elefante pelas marcas especificadas na descrição. Estava tudo lá, menos a cicatriz do furúnculo na axila. Isso não conseguimos ver. Como queríamos ter certeza, Brown foi engatinhando por baixo dele para examinar de perto. Seus miolos foram destruídos na mesma hora, quer dizer, a cabeça foi esmigalhada, pois não saiu nada de dentro do crânio espatifado. Todos saíram correndo e o elefante, enfurecido, distribuiu golpes em todas as direções. Ele escapou em uma cena impressionante, mas deixou rastros de sangue pelo chão por causa dos

ferimentos causados pelas balas de canhão. Vamos pegá-lo novamente. Isso é certo. Ele foi para o sul, para dentro de uma floresta.

Detetive Brent

Esse foi o último telegrama. O cair da noite trouxe, junto, uma neblina **ESPESSA**. Não se enxergava nada a um metro de distância. A cerração durou a noite toda. As barcas e até os ônibus tiveram de parar.

Capítulo 5 DETETIVES COM BINÓCULOS

Na manhã seguinte, os jornais estavam novamente cheios de teorias **ARQUITETADAS** pelos detetives. As matérias contavam em detalhes as tragédias causadas pelo elefante e mais alguns outros fatos contidos nos telegramas dos correspondentes. O assunto preenchia páginas e mais páginas, visto que boa parte das reportagens estampava títulos que faziam meu coração disparar. Quase todos tinham este tom:

ELEFANTE BRANCO À SOLTA! POPULAÇÃO AMERICANA EM ALERTA MÁXIMO! — ELEFANTE CONTINUA SUA MARCHA ASSASSINA PELO PAÍS! — MORADORES DE VÁRIOS LUGARES DEIXAM SUAS CASAS APAVORADOS! — TERROR, MORTE, DESTRUIÇÃO E, FINALMENTE, OS DETETIVES! — CELEIROS DEVASTADOS, FÁBRICAS DESTROÇADAS, COLHEITAS DEVORADAS, REUNIÕES INTERROMPIDAS, TUDO EM UM CENÁRIO DE PURA **CARNIFICINA**! — OS MELHORES E MAIS INTELIGENTES DETETIVES DE POLÍCIA APRESENTAM TRINTA E SETE TEORIAS! — IMPERDÍVEL! A TEORIA DO INSPETOR BLUNT!

Diante dos jornais sobre sua mesa, o inspetor Blunt quase vibrava de emoção:

— Finalmente! — exclamou ele. — Isso é simplesmente maravilhoso! Uma **DÁDIVA** dos céus! Nunca um grupo de detetives teve uma oportunidade tão boa! Todos ficarão famosos, até mesmo eu! Nossos nomes serão lembrados até o final dos tempos!

Mas eu não estava nem um pouco satisfeito com o andamento das coisas. Na verdade, eu me sentia responsável por todos aqueles crimes sanguinolentos,

como se o elefante estivesse obedecendo a ordens minhas na execução do terror. A lista de devastações continuava aumentando...

Um dos jornais dizia que o elefante tinha “interrompido uma eleição, assassinando cinco eleitores que haviam votado mais de duas vezes”. Em outro canto do país, o elefante havia posto fim à vida de dois pobres eleitores, os senhores O’Donohue e McFlannigan, que “estavam prestes a votar pela primeira vez, e assim exercer o direito de cidadãos americanos. Infelizmente, não tiveram tempo, pois foram degolados pelas patas do demônio do Sião”. Um pregador **SENSACIONALISTA** e mal-humorado também foi morto enquanto preparava discursos **FERVOROSOS** contra a dança, o teatro e as artes em geral. Até um inspetor teve o final da vida ocasionado pelo golpe de um pára-raios na cabeça. E assim a lista de crimes crescia e se tornava cada vez mais **HEDIONDA**. No total, sessenta pessoas estavam mortas e duzentas e quarenta haviam sofrido ferimentos graves. Todos os jornais ressaltavam o seguinte: “Os detetives são extremamente dedicados e competentes”. No geral, as matérias terminavam assim: “O terrível monstro branco já foi visto por trezentas pessoas e por quatro detetives, visto que dois deles estão mortos”.

Com o coração nas mãos, escutei o telégrafo dar sinais de vida novamente. As mensagens chegavam uma atrás da outra com notícias que me causavam decepção, mas que, ao mesmo tempo, traziam certa alegria. Em pouco tempo, ficou claro que o rastro do elefante se perdera. O animal soubera aproveitar a neblina para se esconder em algum lugar onde não pudesse ser encontrado de jeito nenhum. Nos telegramas que vinham dos pontos mais distantes do país, havia uma informação comum: o relato de existir uma “massa gigante e imprecisa que aparece de vez em quando através da neblina, e que não pode ser outra coisa senão o elefante branco”. A tal massa gigante e imprecisa já aparecera em New Haven, Nova Jersey, Pensilvânia, no interior do estado de Nova York, no Brooklyn e até na própria cidade de Nova York! Mas, em todas essas ocasiões, a massa gigante e imprecisa desaparecera em segundos sem deixar **VESTÍGIOS**. Uma coisa era certa: os detetives que se encontravam espalhados pelo país estavam prestes a capturar o animal, pois todos

tinham uma pista segura. Era questão de dias, talvez horas...

Mas o dia terminou sem nenhum resultado concreto.

O dia seguinte foi igual.

O seguinte não apresentou diferença dos anteriores.

Reparei que os jornais foram ficando bastante **MONÓTONOS**. As notícias não surpreendiam, ao contrário: mostravam pistas e teorias repetidas, sem nenhum atrativo. Ninguém mais se interessava, muito menos se fascinava pelo roubo do elefante branco.

— Precisamos aumentar a recompensa — disse o inspetor, preocupado.

— Aumentar? — perguntei, aflito.

— É a única forma de manter esse caso vivo — explicou ele.

— Para quanto?

— É preciso dobrar a recompensa, se quiser ter seu elefante de volta.

Segui seu conselho e assim o fiz, mas outros quatro dias se passaram sem nenhuma novidade. Para completar, um fato novo deixou o inspetor Blunt indignado.

— Não é possível! — disse ele ao ser informado de que os jornais se recusavam a publicar mais teorias de detetives sobre o roubo. — Isso foi um golpe pelas costas!

— O que dizem os jornais? — perguntei.

— Pedem para darmos “um tempo”! — exclamou Blunt, ofendido.

— O que faremos? — questionei, deixando-me levar pelo desespero.

— Subiremos a recompensa! — disse ele, **CATEGÓRICO**. — Vamos oferecer setenta e cinco mil dólares pela captura do elefante.

Concordei com ele. A quantia era gigantesca, mas eu preferia ficar pobre do que voltar ao meu país desacreditado pelo governo. Apesar disso, os jornais não só continuaram a virar as costas para os detetives mas também passaram a publicar matérias sarcásticas sobre o assunto. Era uma atitude **IMPIEDOSA**.

Para completar, os **MENESTRÉIS** agora se fantasiavam de detetives e faziam apresentações em praça pública, **PARODIANDO** a caçada ao elefante branco.

Os desenhos dos caricaturistas agora estampavam detetives procurando o elefante com binóculos nos cantos mais distantes do país, enquanto o animal lhes roubava maçãs dos bolsos. Até os dizeres e emblemas típicos dos detetives passaram a ser motivo de **CHACOTA**. Por exemplo, na capa dos romances policiais costuma aparecer um símbolo que é um olho bem aberto. Embaixo dele vai a legenda NUNCA DORMIMOS. Pois bem, naqueles dias, os detetives que iam a um bar e pediam uma bebida recebiam como resposta a seguinte pergunta: “Que tal uma dose de *abre-olho*?” Havia ironia por todo lugar.

No entanto, havia um homem que não se deixou abalar por nada disso: o estimado chefe dos inspetores. Ele não parecia um ser humano mas sim uma rocha fria, dura e inatingível. Seus olhos observavam tudo de cima, com aspecto sereno e confiante. A única coisa que dizia era:

— Podem fazer **TROÇA** à vontade. Quem ri por último ri melhor.

Minha admiração pelo inspetor Blunt agora era um tipo de adoração. Eu passava os dias ao seu lado, dentro daquela sala que me trazia uma sensação cada vez mais desagradável, mas que eu suportava com garra. Eu me perguntava como era capaz de aturar a angústia daquela sala e várias vezes pensei em desaparecer, mas nessas horas eu olhava para o **SEMBLANTE** tranqüilo e determinado do inspetor e jurava que não sairia dali por nada.

Capítulo 6 NEGOCIANDO COM OS LADRÕES

Naquela manhã, acordei muito desanimado. Fazia três semanas que o elefante havia desaparecido. Pensei em sumir no mundo, viajar para algum lugar distante e nunca mais voltar ao Sião. Era a única forma de fugir da vergonha que seria retornar com a notícia de que não conseguira cumprir minha missão e que ainda por cima perdera um presente valiosíssimo, cujo valor eu jamais poderia devolver ao rei. No entanto, vesti-me como de costume e tomei o caminho da delegacia. O inspetor me aguardava com uma proposta magnífica.

— Vamos negociar com os ladrões — disse ele.

— Como assim? — perguntei, atônito.

— Vamos fazer um acordo!

— Um acordo?

— Preste atenção, acredito que, oferecendo cem mil dólares a esses bandidos, eles entregam o elefante.

Uma onda de esperança inundou meu corpo. Aquele homem tinha mesmo uma capacidade de planejamento invejável. Era de uma esperteza fora do comum. E olha que tenho experiência nisso, pois já tive a oportunidade de conhecer as maiores inteligências desse mundo em que vivemos.

— Acha que pode dispor dessa quantia em dinheiro? — perguntou Blunt.

— Se juntar todas as minhas economias, sim — garanti.

Ele sorriu, satisfeito. Sorri de volta. Depois perguntei, preocupado:

— E quanto aos detetives? O que acontecerá com esses pobres homens de uma dedicação sem igual?

— Quando há acordos, eles ficam com a metade. É de **PRAXE** — disse ele.

Nesse caso, eu não tinha mais nada a dizer. Ficaríamos todos satisfeitos com o acordo, se o conseguíssemos. Meu peito pulava de ansiedade. O inspetor Blunt, então, escreveu dois bilhetes iguais que diziam o seguinte:

PREZADA SENHORA,

Venho por meio desta breve mensagem oferecer a seu marido uma grande soma em dinheiro (é claro que a transação será realizada de acordo com as leis que regem este país). Tudo o que ele precisa fazer é marcar um encontro comigo.

Atenciosamente, Inspetor Blunt

Ele enviou um dos bilhetes, através de um mensageiro da mais alta confiança, para a **SUPOSTA** esposa de Brick Duffy e o outro para a suposta esposa de Red McFadden.

— Agora é só aguardar — disse ele.

A hora seguinte passou arrastada, pois a ansiedade me consumia. De cinco em cinco minutos, meus olhos desviavam na direção do relógio. O inspetor, ao contrário, tomava calmamente seu **DESJEJUM** sobre a mesa da delegacia. Por fim, chegaram as respostas, por sinal extremamente malcriadas:

SEU VELHO ESTÚPIDO,

Brick Mc Duffy está morto há dois anos.

Bridget Mahoney

SEU DESMIOLADO,

Escute bem, o mundo inteiro sabe que Red McFadden foi enforcado há um ano e meio. Qualquer imbecil que não seja detetive sabe disso.

Mary McFadden

— Bem que eu suspeitava desses fatos há muito tempo — disse o inspetor.
— Isso prova que meus instintos são exatos e infalíveis.

— E agora? — perguntei, com o coração saindo pela boca.

— Um detetive não deve se entregar nunca — respondeu. — No momento em que uma estratégia falha, é preciso ter outra escondida debaixo da manga.

Na mesma hora, ele escreveu um anúncio, que mandou publicar nos jornais do dia seguinte. Guardei uma cópia dele comigo:

A. — xwblv. 242 N. Tjnd — fz328wmlg. Ozpo, — ; 2 ml ogw. Mum.

— Se o ladrão ainda estiver vivo, esta mensagem o levará ao lugar de encontro — explicou.

— Existe um local de encontro? — perguntei.

— É um lugar habitual, onde todos os acordos entre criminosos e detetives são realizados.

— E o ladrão saberá a hora?

— Sim, pelo anúncio, ele saberá que o encontro está marcado para amanhã à meia-noite.

— Não há nada que possamos fazer até lá?

— Temo que não. O melhor que o senhor tem a fazer é ir descansar.

Fiquei, de certa forma, feliz com essa sugestão. Sentia que era um verdadeiro **PRIVILÉGIO** deixar aquela delegacia sufocante enquanto o incansável inspetor tinha de continuar sua dura tarefa de policial. No dia seguinte, às onze horas da noite, retornei para lá.

— Trouxe o dinheiro? — perguntou Blunt quando me viu.

— Está tudo aqui, cem mil dólares em dinheiro vivo — disse eu, entregando-lhe a sacola recheada de notas.

Depois de conferir, ele saiu da sala com seu olhar costumeiro, firme e decidido, transmitindo confiança. Permaneci em sua sala durante uma hora. A angústia de não saber o que se passava estava me deixando louco, até que ouvi o abençoado som de seus passos e me levantei, com a respiração **OFEGANTE** e as pernas trêmulas para caminhar em sua direção.

— E ent... então? — perguntei, gaguejando.

— Fechamos o acordo! — exclamou ele, em um tom de comemoração. — Amanhã esses palhaços vão cantar outro tipo de música!

Capítulo 7 POBRE HASSAN

Meu coração palpitava de emoção. Senti um tipo de fraqueza e pensei em me sentar, mas o inspetor praticamente me deu uma ordem.

— Siga-me! — disse ele.

Descemos ao porão da delegacia, cujo teto tinha o formato de uma grande **ABÓBADA**.

Blunt iluminava o caminho com uma vela. Passamos por vários detetives que jogavam cartas para matar o tempo. Cerca de sessenta deles dormiam ali praticamente todas as noites, davam a vida pela profissão e renunciavam ao calor de uma casa aconchegante e de uma família unida. O lugar foi ficando cada vez mais escuro, um cheiro terrível atingiu minhas narinas, causando uma sensação de **ASFIXIA**.

— Inspetor, o que estamos fazendo aqui? — perguntei.

— Acalme-se, logo chegaremos lá — disse ele. — Tenho uma pequena, quero dizer, uma grande surpresa.

Respirei fundo e continuei caminhando. De repente, ouvi um **BAQUE** seco, o inspetor tropeçou em alguma coisa gigantesca e caiu no chão. Enquanto se erguia, Blunt iluminou o causador de sua queda, dizendo:

— Vingamos nossa honrada profissão. Aí está seu elefante! — exclamou.

Não consegui conter o grito abafado que saiu de minha garganta e precisei ser carregado para o andar de cima. Somente depois de receber medicamentos e recobrar a consciência, lembrei-me da cena que tinha visto sob a pálida luz da vela: O elefante estava morto!

Todos os detetives comemoravam o desfecho da investigação com gritos de “viva!” e brindes de champanhe. Os homens se abraçavam, batiam copos, dançavam e se cumprimentavam com entusiasmo. Os repórteres foram chamados para divulgar os acontecimentos e acabaram tomando parte nas comemorações.

É claro que o inspetor Blunt foi considerado o herói da noite. Embora eu não passasse de um mendigo pobre, sem moradia, sem meu valioso elefante, sem o cargo no governo de meu país, que eu perdera por não ter conseguido corresponder à confiança que me fora depositada, eu observava a felicidade daquele homem entre seus companheiros. Era uma alegria tão grande, que fora conquistada com tanta paciência, coragem, perspicácia e honradez, que eu também me sentia feliz por ele. Todos olhavam para o inspetor com admiração, olhares esses que eram **REITERADOS** pelas frases que surgiam da pequena multidão na delegacia:

— Lá vem o rei dos detetives! Basta entregar-lhe uma única pista e ele encontrará qualquer coisa neste mundo, não importa onde esteja escondida!

Chegara a hora da divisão dos cinqüenta mil dólares e o dinheiro foi repartido em meio a muita animação. O inspetor Blunt fez um pequeno discurso enquanto guardava a sua parte no bolso:

— Tirem bom proveito desse dinheiro, meus caros. Vocês se esforçaram e, portanto, merecem cada centavo que ganharam.

Os detetives bateram palmas com vigor. O inspetor fez um sinal com a mão para que silenciassem, pois ele queria continuar.

— O principal, meus rapazes, é que vocês são os responsáveis pela fama imortal de nossa profissão!

Alguém gritou: “Viva o inspetor Blunt!” Uma nova salva de palmas se fez ouvir, desta vez mais longa e fervorosa. Nesse momento, o telégrafo começou a funcionar e uma nova mensagem chegou. Dizia o seguinte:

MONROE, MICHIGAN. 22h.

Só agora, depois de três semanas, encontrei um posto telegráfico. Durante esse tempo, segui, a cavalo, pegadas que entraram em uma floresta situada a dois mil e quinhentos quilômetros daqui. Vou voltar para lá, pois as pegadas estão cada dia mais fortes, frescas e grandes. Tenho certeza de que conseguirei capturar o elefante dentro de uma semana. Considero isso tão certo quanto a morte.

Detetive Darley

— Quero que todos dêem três fortes “hurras” ao detetive Darley! Ele é um dos melhores cérebros que a polícia já teve! — exclamou o inspetor, muito animado.

— HURRA! HURRA! HURRA! — todos obedeceram.

— Agora mandem um telegrama dizendo que ele pode voltar e vir buscar sua parte da recompensa — disse Blunt.

E aqui chega ao fim a incrível história do roubo do elefante branco. No dia seguinte, os jornais, mais uma vez, fizeram elogios ao trabalho da polícia, com exceção de um jornaleco ridículo que publicou o texto abaixo:

*Grande detetive que nós temos na cidade! Ele pode ser meio devagar para encontrar um objeto pequeno como um elefante perdido. Durante três semanas, pode caçá-lo o dia inteiro e dormir pertinho de sua **CARCAÇA**, mas vai acabar encontrando-o, se a pessoa que o perdeu lhe mostrar onde deve achá-lo!*

Pobre Hassan, as balas de canhão tinham acabado com sua vida e eu o havia perdido para sempre. Ele havia se arrastado por entre a neblina até chegar àquele lugar terrível, malcheiroso e sufocante. Durante sua trajetória, foi cercado por inimigos, correu o risco de ser preso inúmeras vezes, passou fome e sede. Foi ficando fraco, o coitado, e acabou morrendo. Pelo menos agora está descansando em paz.

Paguei cem mil dólares pelo acordo, mais quarenta e dois mil dólares pelas despesas que os detetives tiveram: transporte, alimentação, hospedagem... Comuniquei todos os fatos ao governo de meu país, mas nunca mais tive coragem de voltar para lá, muito menos de **PLEITEAR** um cargo público no Sião. Sou um

homem destruído, completamente arruinado. Passo os dias e as noites andando sem rumo. Faço pequenos trabalhos para sobreviver. Uma coisa, porém, continua intacta: minha admiração por aquele homem que, acredito, seja o maior detetive do mundo. Esse sentimento, tenho certeza, permanecerá até o final da minha vida.